

Questões Raciais nos Congressos Nacionais da Intercom de 2021 e 2022: qual o gênero da autoria e de onde vêm as produções?

Vinícius da Silva Coutinho¹
Céres Santos²
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Neste artigo, apresentamos os dados apurados na pesquisa de mapeamento dos artigos publicados nos anais dos congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, nos anos de 2021 e 2022, que tratam sobre questões raciais. Para a coleta de dados, utilizamos as palavras-chave *racismo* (que engloba também *antirracismo*), e *negr* (que engloba *negro(s)*, *negra(s)* e *negritude*). Entre os autores que embasam as discussões teóricas estão: Almeida (2019), hooks (2019), Guena, Silva e Santos (2022) e Gomes (2012). Na metodologia, utilizamos revisão de literatura, pesquisa quantitativa e a Análise de Conteúdo (AC). Por fim, constatamos que: houve um aumento de 26% no número de estudos entre os dois anos; mulheres representam quase 65% da autoria das pesquisas e as regiões sudeste e nordeste dominaram as produções.

PALAVRAS-CHAVE: Intercom; racismo; gênero da autoria; regiões; comunicação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi aguçada a partir das discussões propostas no componente curricular “Gênero, Sexualidade, Trabalho e Etnias na Educação”, ministrada pela professora doutora Céres Santos, no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O estudo parte da inquietação sobre como se dá a incidência de estudos raciais e sua consolidação epistemológica no campo da comunicação brasileiro. Assim, buscamos entender, no panorama das pesquisas, o gênero da autoria e de que regiões os estudos são produzidos.

O trabalho também compõe os eixos temáticos da pesquisa de mestrado, que busca analisar os discursos de ódio e a xenofobia proferidos contra nordestinos, pelo *Twitter*, nas primeiras 24 horas após o início da apuração do primeiro turno das eleições

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduado em Jornalismo pela UESPI, e-mail: viniciuscoutinho96@gmail.com.

² Professora do PPGESA e do curso de Jornalismo em Multimeios da UNEB. Doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOMCECA/) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), e-mail: cmssantos@uneb.br.

de 2022. Por esse motivo, faz-se necessário compreender como tem acontecido o desenvolvimento de estudos sobre racismo, que servirão também como suporte teórico na dissertação.

Para tanto, este artigo tem como objetivo geral mapear sistematicamente os artigos publicados nos anais dos Congressos da Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom), em sua versão Nacional, dos anos de 2021 e 2022, que tratam sobre questões raciais. Para tanto, os objetivos específicos são: sistematizar os dados encontrados no mapeamento, fazer comparações entre as duas edições do evento em estudo, verificar o gênero da autoria das pesquisas e, por fim, identificar de que regiões os estudos foram desenvolvidos.

Diante disso, escolhemos os seguintes eventos como objetos de estudo: o 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), sediada em Recife-PE, de 4 a 9 de outubro de 2021 e o 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa-PB, de 5 a 9 de outubro de 2022. Os congressos pertencem à Intercom, que possui representatividade significativa na produção científica no país. Estas edições foram escolhidas pelo critério atualidade, sendo as duas mais recentes até o desenvolvimento deste artigo.

Diante disso, o artigo é organizado da seguinte maneira: primeiro, discutimos teoricamente sobre as questões raciais; em seguida, apresentamos a Intercom e a sua importância para o campo da comunicação. Ademais, tratamos sobre a metodologia e os dados obtidos na pesquisa. Por fim, refletimos sobre os achados, que apontam um aumento de 26% no número de estudos sobre questões raciais entre os dois anos estudados; as mulheres representam quase 65% da autoria das pesquisas publicadas e as regiões sudeste e nordeste dominaram as produções com mais de 80% das produções.

Questões raciais em pauta

Um dos estudiosos sobre as questões raciais no Brasil, Almeida (2019), acredita que a terminologia “raça” sempre esteve ligada ao ato de estabelecer classificações. O autor afirma que "a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas" (ALMEIDA, 2019, p. 18). Assim, essa classificação dos povos pela raça passa a ser uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações negras e indígenas.

Almeida (2019, p. 22) relata também que “no século XX, parte da antropologia constituiu-se a partir do esforço de demonstrar a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos”. Portanto, o conceito de raça não está ligado à natureza humana, mas a uma construção política. Essa concepção se baseia em eventos como a Segunda Guerra Mundial e o genocídio nazista, que levavam este aspecto para a distinção entre os povos. Almeida (2019) relembra que, para a Antropologia e a Biologia, não existem diferenças que justifiquem a discriminação entre os povos.

Diante disso, Almeida (2019) conceitua o racismo como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”. Seguindo o pensamento do autor, o racismo se materializa com a discriminação racial e é definido por seu caráter sistêmico, caracterizando-se como um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. Assim, seria o próprio racismo o criador da raça e dos sujeitos racializados (ALMEIDA, 2019).

Almeida (2019) entende que a concepção institucional do racismo significa um importante avanço teórico, já que evidencia a atuação das instituições com dinâmica de funcionamento que apresenta vantagens e privilégios definidos com base na raça. Assim, o autor define o racismo como uma forma de dominação através do poder. Já que essas atitudes servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Já o racismo estrutural, para Almeida (2019), acaba por abarcar os comportamentos individuais e os processos institucionais, que são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. Logo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, que favorece a discriminação de grupos, e se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Assim, além de estar imbricado nas próprias estruturas sociais, o racismo é reproduzido pelas instituições.

Também uma grande referência dos estudos feministas e raciais, bell hooks (2019) evidencia que “ao abrir uma revista ou um livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam e reinstituem a supremacia branca” (hooks, 2019, p. 28). A autora constata ainda os impactos desse racismo simbólico na própria mente de muitas

peças negras, que socializadas no interior de sistemas educacionais supremacistas brancos e por uma mídia de massa racista, são convencidas de que suas vidas não são complexas e, portanto, não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas (bell hooks, 2019).

Nesse sentido, Almeida (2019, p. 41) aponta que “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. Nesse imaginário, está também impregnada a ideia de meritocracia, que, para o autor, ao ser combinada com o racismo histórico, permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos.

No percurso histórico brasileiro, segundo Azevedo e Martins (2019, p. 02), “o fim do processo de escravização fez com que fosse investido ainda mais o processo de apagamento dos corpos negros. A estratégia, então, foi a da miscigenação”. É válido ressaltar também, como advoga bell hooks (2019), que, da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é essencial para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial. Por isso,

ativistas feministas conscientes têm insistido que a luta antirracista avança melhor com uma teoria que fale sobre a importância de admitir que o reconhecimento e a aceitação positiva da diferença são um ponto de partida necessário enquanto trabalhamos para erradicar a supremacia branca (hooks, 2019, 43-44).

Atualmente, ao ser fortalecida a base epistemológica contra o racismo, discussões decoloniais e antirracistas têm conquistado cada vez mais espaço, com por exemplo, o aumento no número de pesquisas sobre questões raciais nos congressos da Intercom, evidenciados por Guena, Silva e Santos (2022). Nesse cenário, Lopes e Melo (2020, p. 127) também detectam que “novas agendas e perspectivas de pesquisa começam a ser construídas e das associações é demandada a inclusão e a ampliação dessas temáticas em suas discussões, publicações e congressos”.

A Intercom e sua importância para o campo da Comunicação

A Intercom é uma instituição sem fins lucrativos, destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado. A entidade estimula o desenvolvimento de produção científica entre mestres e doutores, estudantes de graduação e recém-graduados em Comunicação (INTERCOM, 2023). A instituição

foi fundada no dia 12 de dezembro de 1977, durante o regime militar, em São Paulo, com o intuito de congregar o compartilhamento de pesquisas e informações de forma interdisciplinar. Anualmente, promove o evento de maior prestígio no campo científico da Comunicação, o Intercom Nacional. O congresso recebe uma média de 3,5 mil pessoas, reunindo pesquisadores brasileiros e do exterior (INTERCOM, 2023).

A Intercom é também responsável pelo lançamento de livros e revistas especializadas em Comunicação, incentivando o desenvolvimento da pesquisa. Ao longo dos seus mais de 45 anos, sua atuação estimula a formação científica e promove a consolidação do campo epistemológico da Comunicação no país, ao tempo em que interconecta os pesquisadores e os estudos de todas as regiões do país. Na *Memória Intercom*³, é possível acessar toda a trajetória da organização.

Segundo Lopes (2000-2001), o Campo da Comunicação é composto por subcampos, como o científico, o educativo e o profissional. O primeiro é oriundo da produção de conhecimento através da construção de objetos, teorias e métodos; o segundo promove saberes em comunicação e o terceiro busca colocar em prática o conhecimento, promovendo vínculos com o mercado de trabalho. Essa perspectiva vai ao encontro à atuação da Intercom nessas mais de quatro décadas de trabalho. Contudo, apenas em 2022, a instituição fundou o Grupo de Pesquisa Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, que reúne pesquisas voltadas para as questões raciais e foi criado para trabalhar a temática antirracista não só na perspectiva da denúncia e da resistência, mas também como reposicionamento epistemológico (INTERCOM, 2023).

O GP é coordenado pela professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Márcia Guena⁴, e tem como vice coordenador o professor da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Richard Santos⁵. A ementa do GP conta com uma diversidade de temas ligados às questões raciais, como:

Análise das hierarquias raciais estabelecidas na produção, veiculação e recepção de mensagens nos diversos tipos de mídias, em articulação com as relações de classe, gênero e sexualidade. Estudos sobre as práticas comunicacionais independentes, de caráter antirracista e

³ Portal com a linha do tempo da Intercom: https://www.portalintercom.org.br/memoria/linha_do_tempo

⁴ Doutora em História pela Universidade Complutense de Madrid (UCM), mestre em Integração da América pela Universidade de São Paulo (USP) e jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

⁵ Pós-doutor pela Universidade Federal da Bahia, doutor em Ciências Sociais com ênfase em Estudos Comparados sobre as Américas pela Universidade de Brasília (UnB) e mestre em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília (UCB).

contra-hegemônico e sobre as relações entre comunicação, tecnologias da informação, raça e racismo [...] (INTERCOM, 2023).

Na Intercom, após avaliação e aceite, os trabalhos são apresentados nos congressos e, por fim, são publicados nos anais, que são organizados em dois tipos de agrupamentos dos trabalhos científicos: 1 - *Grupos de Pesquisa (GP)*, que contam com trabalhos de Doutoradas(es), Doutorandas(os), Mestres, Mestrandas(os); Especialistas, Estudantes de Especialização e Graduadas(os). Já o 2 - *Intercom Júnior (IJ)* tem como público-alvo estudantes de graduação e recém-graduadas(os) (INTERCOM, 2023).

Mulheres na academia

Naidek *et al.* (2020) revelam que, somente a partir do século XX e de forma gradativa, as mulheres passaram a ser incluídas no ensino superior. Atualmente, elas são maioria no ensino superior, mas, segundo as autoras, ao se analisar o cenário das carreiras científicas, o número de homens se destaca nos quesitos cargos de liderança, produção científica e premiações.

De acordo com dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), apesar de os números de mulheres com bolsas de iniciação científica e também as com mestrado e com doutorado serem superiores aos dos homens, as mulheres representam apenas 33% do total de bolsistas de Produtividade em Pesquisa da instituição (CNPQ, 2021). Estes índices apontam que a paridade de gênero em alguns âmbitos da ciência ainda não é uma realidade.

Contudo, Gomes (2012. p. 03) já destacava algumas mudanças no meio acadêmico. Para a autora, “vivemos um momento ímpar no campo do conhecimento. O debate sobre a diversidade epistemológica do mundo encontra maior espaço nas ciências humanas e sociais”. A autora afirma que esse contexto atinge as escolas, as universidades, o campo de produção do conhecimento e a formação de professores(as) e, assim, as rupturas abrem caminhos para a construção de uma educação antirracista, acarretando mudanças epistemológicas e curriculares (GOMES, 2012).

Nessa linha, Guena, Silva e Santos (2022, p. 06) destacam que o pensamento antirracista e afrodiaspórico ajuda a “sedimentar um caminho construído por várias mãos e vozes, dos grupos historicamente excluídos de acessar os direitos humanos”. Reflexo disso, são os dados encontrados neste estudo, que sistematizamos adiante.

Metodologia

Para o desenvolvimento do estudo, utilizamos como procedimentos metodológicos a pesquisa quanti-qualitativa, a partir do Mapeamento Sistemático realizado no banco de dados dos anais dos dois Congressos citados anteriormente, dos anos de 2021 e 2022. A pesquisa quanti-qualitativa se aplica à coleta e à sistematização dos dados do mapeamento, que dão base à construção do trabalho, quantificando, qualificando, agrupando e comparando estes dados. Creswell (2007) denomina essa técnica como mista, pelo emprego de estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. O autor destaca que a coleta de dados envolve a obtenção tanto de informações numéricas como de informações de texto de forma que o banco de dados final represente tanto informações quantitativas como qualitativas.

Falbo (S/D) detalha que o Mapeamento Sistemático é uma revisão ampla dos estudos primários existentes em um tópico de pesquisa específico (neste caso, as questões raciais) que visa identificar evidências disponíveis sobre a temática. O autor explica ainda que este tipo de mapeamento objetiva prover uma visão geral de um tópico de pesquisa mais amplo e identificar agrupamentos de estudos que podem ser utilizados em outras pesquisas mais detalhadas posteriormente.

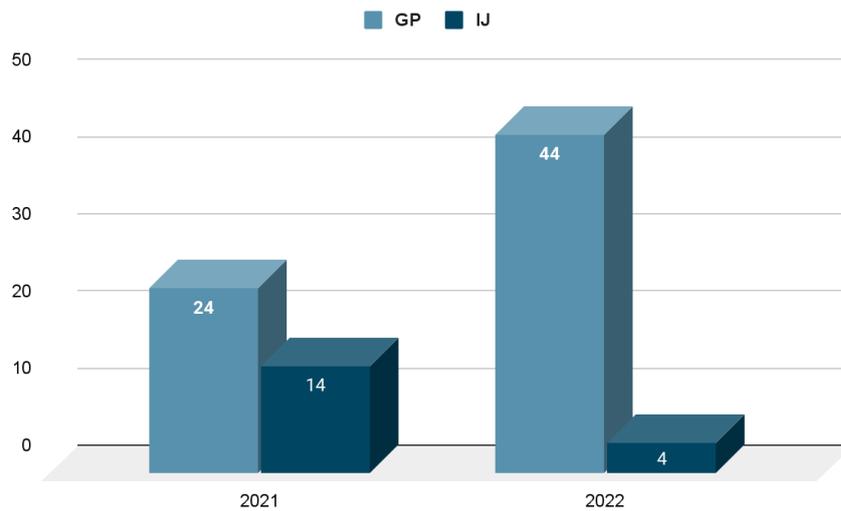
Como técnica de análise, utilizamos a Análise de Conteúdo (AC) com abordagem categorial, pois, a partir dos dados encontrados na busca, delimitamos as categorias de “gênero da autoria” e “região dos estudos”, a serem estudadas. Segundo Bardin (2011) este tipo de análise consiste num conjunto de técnicas utilizadas na análise das comunicações. Moraes (1999) destaca que a técnica fornece informações complementares ao leitor crítico de uma mensagem, ao tempo em que ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma melhor compreensão de seus significados.

Panorama das pesquisas: um comparativo entre 2021 e 2022

Diante desse percurso metodológico, realizamos a busca nos anais, verificando os trabalhos tanto dos Grupos de Pesquisa quanto do Intercom Júnior, por meio das palavras-chave: *racismo* (que engloba também *antirracismo*) e *negr* (que engloba *negro(s)*, *negra(s)* e *negritude*). Após a busca, foram encontrados 24 trabalhos sobre a temática nos GPs e 14 trabalhos no IJ, no congresso de 2021. Já no congresso de 2022, nos GPs, encontramos 44 trabalhos e no IJ apenas 04 pesquisas. Os dados apontam que, entre os dois anos, nos Grupos de Pesquisa houve um aumento de 83,33%. Já na

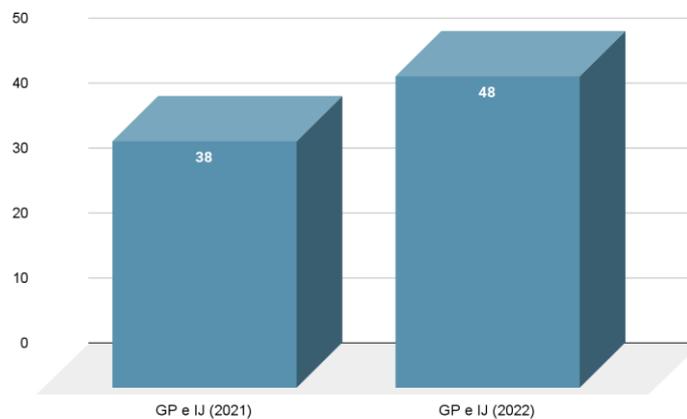
categoria Intercom Júnior, de 2021 para 2022, houve uma diminuição de 71,42% nos trabalhos sobre a temática em voga. Em 2021, o total de trabalhos foi de 38 e, em 2022, foram 48 trabalhos. Assim, houve um aumento geral de 26,31% nas pesquisas sobre racismo nas mídias, como podemos observar nos gráficos a seguir.

Gráfico 01: Detalhamento dos trabalhos (GP e IJ) em 2021 e 2022



Fonte: Elaboração dos autores

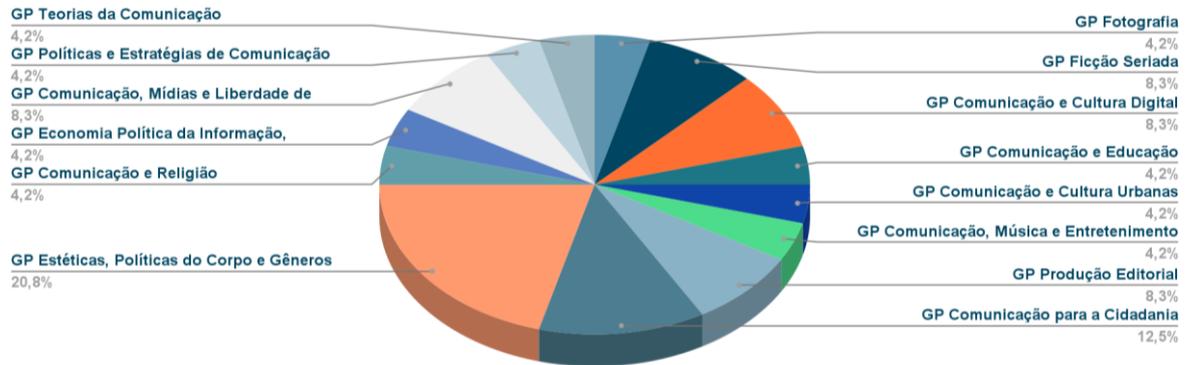
Gráfico 02: Comparação das pesquisas entre os anos 2021 e 2022



Fonte: Elaboração dos autores

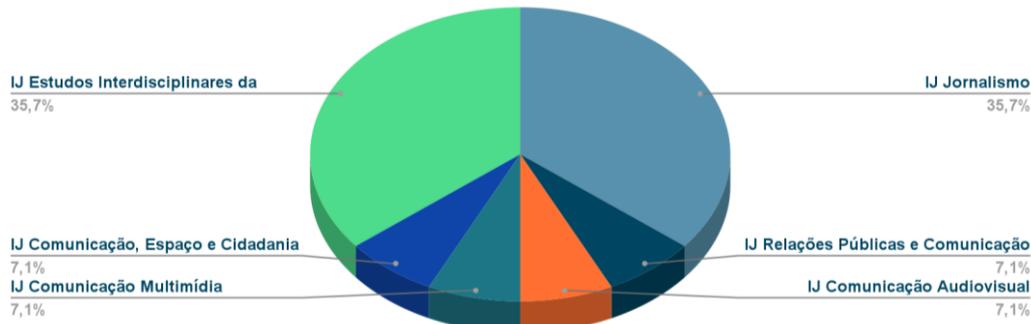
Nos gráficos a seguir, é possível visualizar a disposição dos trabalhos que abordam questões raciais nos GPs e no IJ, nos anos de 2021 e 2022. No primeiro ano, tem-se uma dispersão dos trabalhos nos GPs, já que ainda não havia sido criado o grupo específico. Em 2022, com o novo grupo, há uma concentração das pesquisas e o fortalecimento deste campo. Apenas 07 trabalhos que abordaram a temática ficaram dispersos em outros cinco GPs.

Gráfico 03: Artigos nos Grupos de Pesquisa (GP) - Intercom de 2021



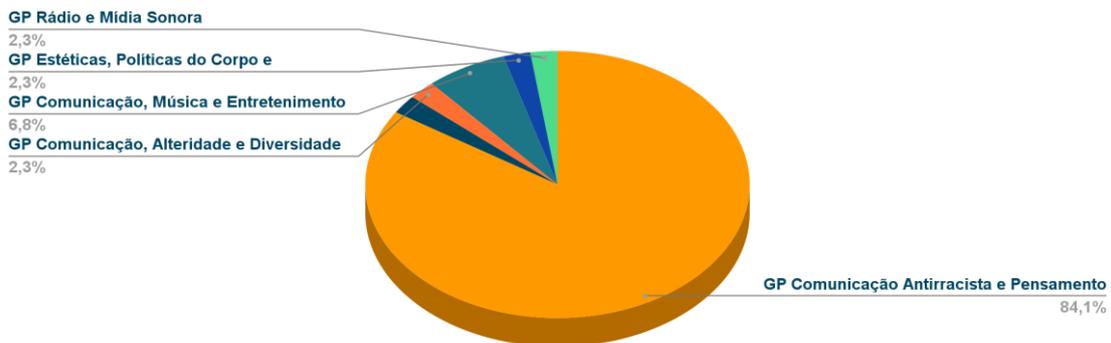
Fonte: Elaboração dos autores

Gráfico 04: Artigos no Intercom Júnior (IJ) - Intercom de 2021



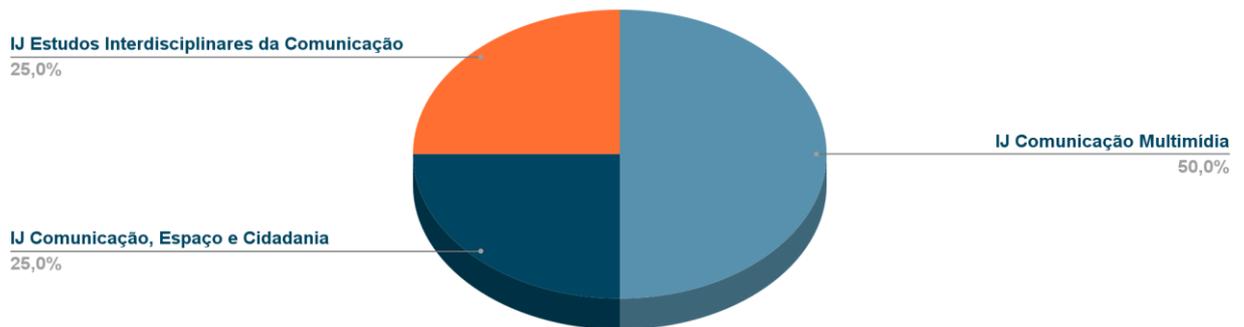
Fonte: Elaboração dos autores

Gráfico 05: Artigos nos Grupos de Pesquisa (GP) - Intercom de 2022



Fonte: Elaboração dos autores

Gráfico 06: Artigos no Intercom Júnior (IJ) - Intercom de 2022



Fonte: Elaboração dos autores

Nogueira (2017) destaca que as cotas raciais iniciaram um processo de transformação no modelo acadêmico brasileiro e que, mais do que a simples presença de negros nas salas de aula, o sistema amplia o debate sobre o racismo e sobre a sub-representação dos negros nos espaços de poder na sociedade em geral. Contudo, os dados ainda preocupam. Ao analisar desigualdades étnico-raciais, com base no INEP, Cunha, Dimenstein e Dantas (2021) observaram que apenas 10,4% das mulheres negras têm acesso ao ensino superior; e menos 3%, à atividade de ensino e pesquisa.

Com o desenvolvimento da pesquisa “*Relações raciais e comunicação: análise da produção intelectual da Intercom (1998-2021)*”, Guena, Silva e Santos (2022) notaram um aumento gradativo nas pesquisas sobre a temática. As autoras atribuem a ampliação dos números à política de Ações Afirmativas (cotas), tendo em vista que no mesmo período, houve aumento no ingresso de negras e negros nas universidades, processo iniciado nos anos 2000 (GUENA; SILVA; SANTOS, 2022, p. 11).

Guena, Silva e Santos (2022, p. 05) evidenciam ainda que “a maior incidência de produções teóricas sobre relações raciais não é por acaso; está relacionada com o aumento de estudos sobre o racismo estrutural, o qual afeta toda a sociedade”. Assim, observamos que esta pesquisa apresenta uma continuidade ao estudo das autoras e comprova que esse aumento no número de pesquisas chega também ao ano de 2022.

Pensando num modelo de científico contra-hegemônico, Guena, Silva e Santos (2022) entendem que é com o enegrecimento da universidade, principalmente, nas duas últimas décadas, que ocorre a inserção de temas nas pesquisas relacionadas às hierarquias raciais na comunicação e epistemologias baseadas em formulações afrodiáspóricas e em pensamentos fora do Norte Global.

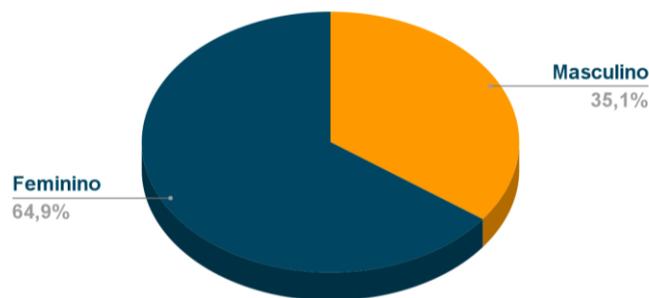
Guena, Silva e Santos (2022) constataam a institucionalização de grupos de pesquisa pertencentes à divulgação de conhecimento científico brasileiro na área de Comunicação e reforçam a importância da criação do GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico e da renovação GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades. Baseado nisso e no Gráfico 05, podemos notar a alta incidência de trabalhos neste GP recém-criado, que contemplou 84,1% dos estudos em 2022.

Autoria das pesquisas: observando o gênero

Sobre a autoria das pesquisas, nos Grupos Pesquisa de 2021, identificamos 36 autores(as) no total, sendo 23 femininos (63,89%) e 13 masculinos (36,11%). Já no Intercom Júnior de 2021, 41 autores(as) foram identificados(as) no total, sendo 27 femininos (65,86%) e 14 masculinos (34,14%). Assim, em 2021, 77 pesquisadores(as) publicaram trabalhos, sendo 50 femininos (64,9%) e 27 masculinos (35,1%).

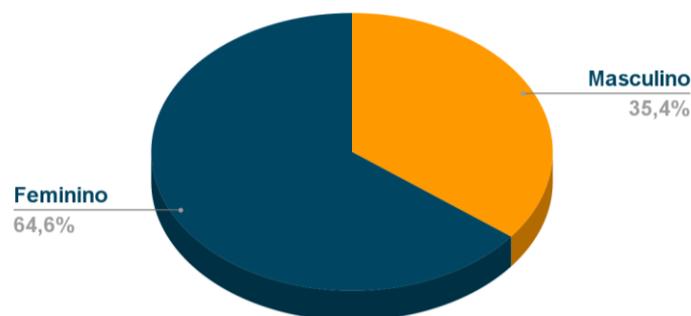
Em 2022, nos GPs, 66 autores(as) foram identificados(as) no total, sendo 43 femininos (65,16%) e 23 masculinos (34,84%). Já no IJ, foram 13 autores(as) no total, sendo 08 femininos (61,54%) e 05 masculinos (38,46%). Contabilizando um total, em 2022, de 79 pesquisadores(as) sendo 51 femininos (64,56%) e 28 masculinos (35,44%).

Gráfico 07: Gênero da autoria (2021)



Fonte: Elaboração dos autores

Gráfico 08: Gênero da autoria (2022)



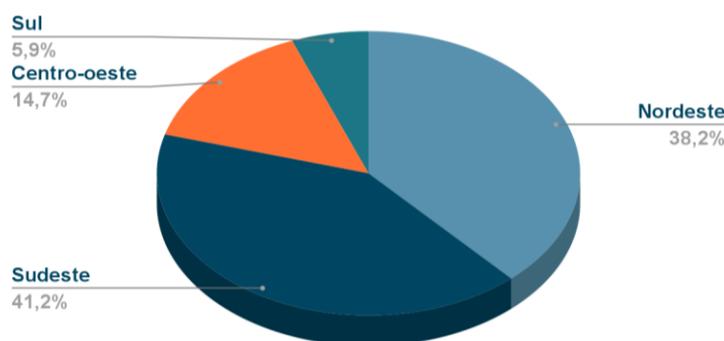
Fonte: Elaboração dos autores

Unindo os dados de 2021 e 2022, totalizam-se 156 autoras(es), sendo 101 femininas (64,75%) e 55 masculinos (35,25%). Nos Gráficos 07 e 08, é possível visualizar a supremacia feminina no desenvolvimento dos estudos raciais, nos dois congressos estudados, apontando interesse bem maior das mulheres pelas questões raciais dentro dos estudos científicos da Intercom.

De onde vêm as produções?

Para atingir o último objetivo desta pesquisa, identificamos a região de onde partiu cada pesquisa estudada, a fim de evidenciar as regiões que mais produzem trabalhos sobre a temática racial. Nos GPs de 2021, foram identificados trabalhos de 04 regiões diferentes, sendo 11 da região Sudeste, 09 da região Nordeste, 02 da região Sul e 01 da região Centro-oeste. Nesta seção, 01 trabalho não foi acessado por falta de disponibilidade do link nos anais. Já no IJ de 2021, foram identificados trabalhos de 03 regiões diferentes, sendo 04 do Nordeste, 04 do Centro-oeste e 03 da região Sudeste. Nesta seção, 02 trabalhos não foram identificados por falta de disponibilidade do link nos anais. Assim, os trabalhos encontrados no ano de 2021 têm origem de 04 regiões diferentes, sendo 14 do Sudeste, 13 do Nordeste, 05 do Centro-oeste e 02 do Sul. Ao todo, 03 trabalhos não foram identificados por falta de link para acessá-los.

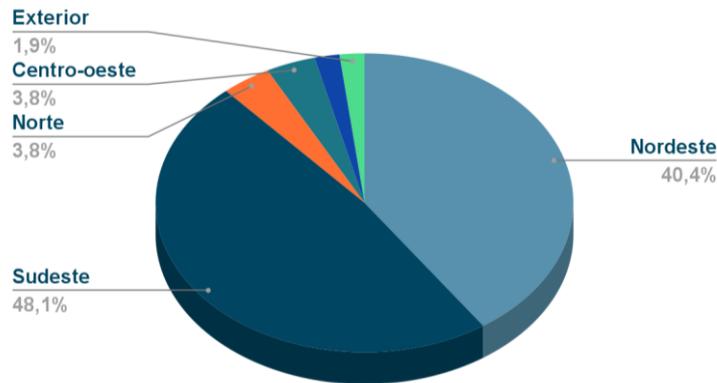
Gráfico 09: Origem das pesquisas (2021)



Fonte: Elaboração dos autores

Nos GPs de 2022, foram identificados trabalhos oriundos de 06 regiões distintas, sendo 24 do Sudeste, 17 do Nordeste, 02 do Norte, 02, do Centro-oeste, 01 do Sul e, também, 01 trabalho do exterior foi publicado (de Portugal). Já no IJ de 2022, foram identificados trabalhos de 02 regiões diferentes, sendo 04 do Nordeste e 01 do Sudeste. Com isso, houveram trabalhos de 06 regiões diferentes, sendo 25 do Sudeste, 21 do Nordeste, 02 do Norte, 02 do Centro-oeste, 01 do Sul e 01 trabalho do exterior.

Gráfico 10: Origem das pesquisas (2022)



Fonte: Elaboração dos autores

Estes dados nos mostram que a região Sudeste ainda se mantém como protagonista no desenvolvimento científico, seja nos aspectos gerais, seja nas questões raciais. Contudo, a região Nordeste mostra grande força e alcança um desempenho bastante significativo nas produções, aparecendo logo em seguida. Juntas, as duas regiões somam 80% das pesquisas estudadas, como ilustram os Gráficos 09 e 10.

Considerações finais

Os achados desta pesquisa apontam um aumento significativo de 26% no número de estudos sobre questões raciais entre os dois anos estudados; também constatamos que as mulheres representam quase 65% da autoria das pesquisas publicadas e, por fim, que as regiões Sudeste e Nordeste dominaram as produções com mais de 80% das produções.

As razões pelas quais as mulheres desenvolveram mais estudos sobre questões raciais do que os homens podem ser atribuídas a uma combinação de fatores sociais e coletivos, em que a experiência pessoal passa a ter um caráter de ativismo político, já que pertencem a um grupo historicamente marginalizado; como o próprio feminismo interseccional, que, segundo Crenshaw (2002), reconhece a interligação entre as opressões e as discriminações, como gênero, raça, classe e sexualidade; e até mesmo a falta de representatividade pode ter motivado as mulheres a se envolverem e contribuírem mais para o conhecimento sobre questões raciais, tomando como base o legado de outras mulheres ativistas. No entanto, Santos (2018) notou uma concentração de mulheres negras no campo de humanidades, apontando a necessidade de uma maior abertura para a incorporação da diversidade racial e de gênero nas demais áreas

Baseados na concepção de Grosfoguel (2018), a perspectiva decolonial entende que o racismo organiza as relações de dominação da modernidade e faz manter as hierarquias de dominação. Assim, entendemos também que os avanços científicos em relação às questões raciais refletem os primeiros frutos da decolonialidade na prática. Assim, consideramos ainda que o campo dos estudos sobre questões raciais está em expansão e, com isso, a própria base epistemológica acaba se fortalecendo, o que isso é positivo também para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e antirracista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AZEVEDO, Lídia; MARTINS, Zilda. Política de morte: a mira certa sem comoção social. **Revista Mosaico**, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/81085/77441>. Acesso em: 01 jun. 2019.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero e Augusto São Paulo: Edições 70, 2011.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *Revista Estudos Feministas*, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2023.

hooks, bell. **Olhares negros raça e representação**. 1ª ed. São Paulo: Elefante Editora, 2019.

CNPq. **Dia internacional de mulheres e meninas na ciência**. Gov.br, Brasília, 11 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/ptbr/assuntos/noticias/destaque-em-cti/dia-internacional-de-mulheres-e-meninasna-ciencia>. Acesso em: 01 jun. 2023.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/696271/mod_resource/content/1/Creswell.pdf. Acesso em: 03 mai. 2023.

CUNHA, Rocelly; Dimenstein, Magda; DANTAS, Candida. Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. *Saúde Debate* | Rio de Janeiro, V. 45, N. Especial 1, P. 83-97, Out, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/X4B8B69D9cPFhxQbZDQSD6c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FALBO, Ricardo de Almeida. **Mapeamento Sistemático**. Vol. 01. S/D. <http://claudiaboeres.pbworks.com/w/file/133747116/Mapeamento%20Sistem%C3%A1tico%20-%20v1.0.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/5298127/mod_resource/content/1/%C3%89tnico-racial%202.pdf. Acesso em: 01 jun. 2023.

GROSGOUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GUENA, Márcia; SILVA, Andréa Rosendo da; SANTOS, Céres. Relações raciais e comunicação: análise da produção intelectual da Intercom (1998- 2021). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45, **Anais [...]**, Campina Grande/PB, 2022. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0809202210143262f25db852a6>. Acesso em: 09 maio 2023.

INTERCOM. **Dados sobre a Chamada de Trabalhos**. 2023. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/congressos-regionais/2023/nordeste7/chamada-de-trabalhos26>, acesso em 09 mai. 2023.

LOPES, Ivonete; MELO, Paulo Victor. Raça e Racismo nos estudos em Economia Política da Comunicação: da resistência à construção de uma agenda de pesquisa. **Revista Eptic**, v. 22, nº 3, set-dez 2020, p. 122-138. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/13890/10966>. Acesso em: 01 jun. 2023.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O Campo da Comunicação: reflexão sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 46-57, dez./fev. 2000-2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/32890/35460/38457>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NAIDEK, Naiane; SANTOS, Yane H; SOARES, Patricia; HELLINGER, Renata; HACK, Thaina; ORTH, Elisa S. Mulheres cientistas na química brasileira. **Química Nova**, 43(6), p. 823-836, 2020. Disponível em: <https://s3.sa-east-1.amazonaws.com/static.sites.s bq.org.br/quimicanova.s bq.org.br/pdf/AG2019-0502.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2023.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. O lugar das professoras negras na Universidade Federal de Santa Catarina. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499469299_ARQUIVO_FazendoG_enero2017.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

SANTOS, Vanicléia Silva. Cientistas negras no Brasil: elas existem? **Mulheres na Ciência** - Junho, 2018. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/cientistas-negras-no-brasil-elas-existem/>. Acesso em: 11 jun. 2023.